A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA :
É NECESSÁRIA ?

Monografia apresentada como exigên-
cia para aprovação no Curso de Sis-
temática^{II} do Trabalho Individual e -
de Grupo.

EP-150

1980

Sheyla Pinto da Silva
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia
UNICAMP - 1989

ÍNDICE

1- Necessidade de entender o desenvolvimento sexual.....	1
1.1 Nas Sociedades.....	1
1.2 Na própria Criança.....	2
1.3 Na relação Pai/Mãe/Filho.....	3
2- Quem são os agentes deste desenvolvimento sexual ?	4
2.1 Pais Educadores.....	4
2.2 Escola/Professor.....	5
3- Conclusão.....	6
Bibliografia consultada.....	9
Bibliografia geral.....	10

Y

"Entre nós pensa-se que as crianças, como os animais, devem aprender tudo por si mesmas. Pois bem, elas aprendem como os animais. Pensa-se, entre nós, que é inútil prevenir os desvios, porque, de antemão, está estabelecido que, numa sociedade sadia, - todas as crianças devem ser normais. Daí resulta que elas precisam aprender as coisas umas das outras, em segredo e de maneira deformada. Em todos os setores da vida, nós achamos necessário dirigir nossas crianças, excetuando-se este: este é o setor "vergonhoso".

Alexandre Soljenĩtsin

(Educação Sexual - Paul Eugène Charbonneau -
pág. 224)

1- Necessidade de entender o desenvolvimento sexual

1.1 Nas Sociedades

Apesar de serem variadas as maneiras pelas quais as diferentes culturas padronizam o desenvolvimento dos seres humanos, há contudo regularidades básicas das quais nenhuma cultura conhecida escapou. As tentativas de compreender o que está se passando na sociedade e a compreensão ou construção de uma vida diferente para os filhos, deve tomar em consideração essas regularidades.

O entendimento e a avaliação infantil sob a sua própria condição sexual liga-se a um conjunto de condições. Há a estrutura do corpo e as soluções que o próprio corpo da criança fornece nas suas tensões e costumes, na sua capacidade para assimilar, manter, abandonar e interagir, seja parcial, complementar ou simetricamente com todos os seres humanos ou reciprocamente. Essas soluções nunca poderão ser vistas isoladamente como uma simples sequência do desenvolvimento. A criança não é uma "tábula rasa", mas um organismo vigoroso e em maturação com condutas apropriadas à sua idade e força.

Quanto mais a sociedade tenta esconder o corpo humano com roupas, cercar, de vergonha e de mistério, a eliminação e a cópula, silenciar sobre a gravidez e o ato do nascimento, tanto mais serão individuais e estranhas as tentativas da criança em compreender e agrupar seu conhecimento sobre o ciclo de vida de ambos os sexos e a compreender o estado específico de maturidade de seu corpo.

Mesmo nas sociedades onde a criança vê o corpo humano em todas as idades e estágios, incluindo a morte, os modos específicos de aceitação ou rejeição de uma mistura de ambos do próprio sexo que o adulto desenvolveu, serão comunicados à criança, repetindo-se assim a cada geração, o padrão esperado de caráter ou sua distorção sistemática. Cada um desses sistemas possui não só um padrão central ou talvez diversos padrões para diferentes classes ou castas, mas também limites de um possível desvio.

Podemos conceber as crianças como indivíduos que continuamente reinterpretam a experiência, enquanto seus corpos se desenvolvem entre outros em desenvolvimento, maduros ou em declínio. Assim fazendo, quando sempre pensamos num mundo bissexu-

ado, de seres humanos de diferentes idades e tamanhos vê-se que há certas regularidades biológicas que não deixam de desempenhá-las sua parte nessas interpretações.

1.2 Na própria Criança

Quanto mais biologicamente precisos forem os primeiros anos de vida, tanto mais o menino sentirá sua masculinidade e a menina, sua feminilidade.

A solução edipiana é algo diferente para meninos e meninas. Devido à sua masculinidade, o menino tem que enfrentar a necessidade de crescer, aprender e dominar um grande número de poderes antes de competir com os homens adultos. O menino aprende que deve fazer um esforço para entrar no mundo dos homens. Deverá compreender seu próprio corpo como diferente do da sua mãe, iniciando um longo percurso de crescimento e prática, o que o levará a um resultado de aptidão em possuir uma mulher e tornar-se pai.

A menina não passa por tal desafio. Os tabus e a etiqueta são modos de proteger sua feminilidade que desponta. Numerosas regras lhe são ditadas, proibições de privilégios, exibicionismo, vadiagem, que podem ser permitidos aos meninos. Sobre a insegurança inicial de seu papel maternal, constrói-se uma curva ascendente de certeza. Assim, sua vida começa e termina com a certeza de que a identificação com sua mãe e depois a segurança dessa identificação é verdadeira, posto que gera um novo ser humano.

Para o menino, a certeza é oposta. A experiência principal de seu "eu" é aquela para a qual é forçado a compreender-se e se ver como ser diferente em relação à sua mãe. Ele tem que sair de si próprio, explorando o mundo exterior e buscar sua expressão através dos corpos dos outros. Esse período de luta e esforço nunca terminará. Ele tentará buscar para si uma esposa que lhe dará um filho, mas a criança nunca será uma certeza absoluta para ele tal como, é para sua esposa.

Enquanto a mulher acaba resolvendo todas as dúvidas a respeito de sua condição sexual implantada no curso natural de sua infância, o homem tenta reafirmar, continuar tentando e redefinindo sua masculinidade. Em cada sociedade humana pode-se reconhecer a necessidade de realização do homem. A sociedade reconhece as atividades dos homens como apropriadas a eles e con

sideram-na importante. Se as mesmas atividades são desempenhadas pelas mulheres, elas são tidas como menos importantes. A certeza do homem sobre seu papel sexual é conseguida através da habilidade (de direito ?) de praticar algo não permitido às mulheres. Essa masculinidade é reafirmada de fato pela sua necessidade em encontrar uma afirmação nas suas realizações.

A civilização tenta definir o papel do homem de modo satisfatório para que ele possa alcançar sentimentos sólidos de realização, sem distorcer seu sentido seguro de masculinidade. Às mulheres (ela) permite preencher seu papel biológico e encontrou alguns meios de provocar um grande descontentamento que exige outras satisfações além de gerar filhos.

1.3 Na relação Pai/Mãe/Filho

O relacionamento da mãe com o filho era visto, até há alguns anos atrás, como a única consideração na evolução da criança. Hoje já se sabe que os fatores genéticos de personalidade do bebê e a influência do pai no seu desenvolvimento devem ser encarados como importante.

A mãe é a ligação afetiva primeira do bebê. É ela quem satisfaz suas necessidades básicas. Entretanto, sabemos que o bebê desde muito cedo capta e reage a estímulos de natureza afetiva de outras pessoas que nada têm a ver com suas necessidades básicas. O pai é importante no desenvolvimento do bebê e o que ele pode prover é diferente do que a mãe dá. Ele parece que encoraja a curiosidade do bebê.

Muito importante no ser humano é a necessidade da criança de ter modelos para se identificar com seu sexo. Um pai física ou psicologicamente ausente tem seu papel de modelo bastante enfraquecido. A criança precisa de proteção contra as ameaças do mundo externo, contra os medos do mundo interno e contra a superproteção materna. A criança não separa ainda a fantasia da realidade podendo ficar assustada. O papel do pai é mostrar que ele existe, as fantasias não o atingem e que ele não permitirá culpas nem represálias ao filho.

Para a aquisição da identidade masculina do filho, é muito importante a qualidade da relação do pai com o filho e não o grau de masculinidade do pai. Um exemplo disso pode ser o fato de que um pai campeão em esportes, que massacra o filho

com exigências, terá um filho possivelmente desinteressado e que não consegue nem jogar bola.

O que parece importante é que a auto-estima e confiança da criança, está relacionada positivamente com o amor e negativamente com a rejeição e negligência, seja do pai ou da mãe.

2- Quem são os agentes neste desenvolvimento sexual ?

2.1 Pais Educadores

Em alguns países mais desenvolvidos, essa questão é colocada e a resposta é a mais definitiva possível: os pais. É a eles que cabe em primeiro lugar a educação sexual neste desenvolvimento. Ninguém pode substituí-los e sua omissão é sempre catastrófica.

Hoje é grande o número de pais que têm consciência da importância da educação sexual para seus filhos. Entretanto, grande número destes pais se sente inseguro quanto à maneira de transmitir esta educação, a idade mais adequada e ao que deve ser ensinado. Com a percepção desta responsabilidade, aparece também a ansiedade de se sentirem pouco preparados para exercer esta função, que sabem ser basicamente sua.

Algum tempo atrás esta tarefa não era muito difícil na medida em que os valores a serem ensinados eram absolutos. Presupunha-se que não se devesse conversar sobre os assuntos mais íntimos, pois poderiam "desvirtuar" a mente infantil. Os pais perceberam que os valores que aprenderam não correspondem mais à nova realidade social e ao mesmo tempo não se sentem seguros no que ensinar.

Ignorância não é sinônimo de virtude. Existe uma relação entre pouca informação e maior experimentação. O adolescente que menos informação tem sobre sexo é o que mais experimenta. A jovem acaba aprendendo sexo, engravidando, aprendendo a se cuidar depois de uma doença sexualmente transmissível, etc...

A educação sexual não deve ocorrer como se fôsse uma aula: "hoje é dia de falarmos sobre gravidez..." Ela ocorre todo dia, toda hora, nos menores gestos e opiniões que os pais e outras pessoas que convivam com a criança e o jovem fazem. Isso acontece desde a hora do nascimento. Estas atitudes determinarão a vivência psíquica e prática que a criança terá sobre sua própria sexualidade e a dos outros.

Deixar de educar, já é estar transmitindo alguma coisa. Que os pais queiram ou não, a responsabilidade lhes cabe.

No momento em que a criança pergunta, ela tem a capacidade de ouvir a resposta. O que ela quer ouvir é muito simples e não tem nada a ver com aula de anatomia ou fisiologia. Importante não é o conteúdo do que se diz, mas a atitude com a qual se fala sobre o tema.

2.2 Escola / Professor

Muitas vezes, infelizmente, os pais são incapazes de preencher seu papel. É talvez nesse caso que a escola deva se ocupar de substituí-los. Incontestavelmente a escola ! Junto com ela deverão estar os orientadores educacionais, pedagogos, psicólogos e todos que de perto ou de longe são chamados a apoiar o adolescente no difícil caminho do seu desenvolvimento.

A educação sexual na rede escolar acontece muito devagar. Grupos esparsos fazem trabalhos independentes e com poucos recursos. Essa falta de recursos existe, mas a criatividade e ânimo geram soluções.

Existem também poucas publicações a respeito da educação sexual na escola. O assunto, acham alguns, é função somente dos pais. Entretanto, a proposta é uma continuação do que deveria ter sido iniciado no lar.

Há o medo de que a educação sexual se torne um instrumento de repressão, ao invés de desenvolvimento, como por exemplo o uso da educação sexual como meio para o ensino do controle da natalidade.

Ao invés de se ensinar que o sexo é bonito, discutir as responsabilidades de ser pai ou mãe, discutir a sexualidade num contexto mais amplo, se ensina o medo.

É fundamental que se situe o sexo na cultura e na realidade sócio-cultural do adolescente e no contexto de suas relações interpessoais. Essa educação tem como proposta o estímulo às reflexões e à diferença entre valores fundamentais tais como o respeito, igualdade de direitos e valores alternativos como aborto, virgindade, homossexualismo, etc...

Os adolescentes, em sua maioria, não têm informações corretas sobre seu próprio corpo. Vivem angústias e sentimentos de culpa desnecessários. Muitas vezes não existem condições en-

tre eles e seus pais para esclarecimentos necessários e eles passam a ver o sexo como algo sujo, feio e malicioso. A "conversa" na escola é a alternativa encontrada para desfazer essas imagens. Seria ótimo que todos tivessem conhecimentos biológicos sobre seu corpo e aprofundassem suas conversas sobre atitudes e emoções.

3- Conclusão

Há uns três anos atrás, o assunto AIDS começou a aparecer na televisão, jornais e revistas com mais frequência e finalmente chegou à discussão dentro da escola brasileira. O assunto, ao ser introduzido no programa de Ciências, passou a se constituir em um problema para os professores. Como falar de AIDS, sem mencionar assuntos tabus como relações sexuais, homossexualismo, drogas ?

Alguns professores passaram a procurar apoio de pessoal especializado para dar continuidade ao assunto. Levantou-se de novo a questão da educação ou orientação sexual na escola.

Quem não percebe quanto esta educação é importante?

É preciso que a escola se volte ao concreto, à realidade. Ela não pode limitar-se a reproduzir conceitos, a abarrotar os cérebros de informações livrescas. Tudo isto é inútil, se ela não se abrir para a vida, pois o jovem está na realidade.

Neste campo tão difícil é preciso haver uma renovação pedagógica. É evidente que não se trata de uma pedagogia prática ou experimental, mas de uma pedagogia que leva em conta a vida e que corresponda aos problemas vividos pelos jovens. É primordial o ensino no plano da educação sexual. Se pais e mestres estiverem perto dos jovens, poderão exercer influência sadia e das mais valiosas.

O papel do professor na escola deve ser o de situar-se como prolongamento da responsabilidade dos pais. Eles têm igualmente necessidade de uma séria formação e de possuir uma visão pessoal ou uma filosofia da sexualidade plenamente humanística e que respeite as dimensões da pessoa.

Os pais podem dar o que a escola não pode: carinho, amor, atitude positiva frente ao sexo, respeito entre pai e mãe, ingredientes básicos para o desenvolvimento de uma sexualidade sadia. A sexualidade é bem mais rica do que o sexo, ela abrange

toda a nossa vida, na medida em que somos pessoas que nos expressamos sexualmente das mais diversas maneiras.

Muitas especulações aparecem e se preocupam com a relação entre os sexos. Cinema, TV, mostram moças modernas, charmosas... Os anúncios e cartazes mostram aos homens como poderão ser amados e escolhidos. As velhas certezas do passado terminaram e por toda a parte há sinais da tentativa de construir uma nova tradição que, sem dúvida, farão com que homens e mulheres possam crescer, escolher-se mutuamente, casar-se e procriar. A moda traz a marca desta incerteza.

Que é ser homem ? Que é ser mulher ?

Deveria haver consciência sobre a maneira pela qual as diferenças e semelhanças nos corpos dos seres humanos são a base em que se edifica o conhecimento sobre sexo e as relações entre eles. Tomar consciência, falar sobre sexo dos nossos corpos é complexo e difícil.

As diferenças entre os dois sexos são uma importante condição sobre a qual se edificam as muitas variedades da cultura humana e dão aos homens porte e dignidade. A humanidade se baseou no contraste entre forma e função corporal; às vezes, uma qualidade é dada a um sexo, às vezes a outro. Encontraremos variedades de modo pelos quais os papéis dos sexos estão padronizados. Há sempre um padrão. Não existe cultura que afirme que os dois sexos não têm diferenças.

O relacionamento humano (homem/mulher/pais/filhos) padronizado é transmitido à criança na medida em que ela absorve mesmo antes de engatinhar, o modo de relações entre os sexos e aprende a regulamentar outros modos também. As limitações existem. Devem ser conhecidas e mantidas em segurança, nos hábitos, ao invés de deixá-las perturbar as mentes. Algumas coisas não podem ser feitas por homens, outras por mulheres. Engravidar, dar à luz, alimentar a próxima geração estão diferentemente distribuídos. Na medida em que os corpos dos seres humanos se desenvolvem, eles têm necessidades básicas que farão com que haja continuidade da raça humana.

Existem diferenças, semelhanças, vulnerabilidades e limitações em ambos os sexos. Também as potencialidades das diferenças estão presentes. Os homens devem saber que nunca criarão uma criança, esta certeza e firmeza será da mulher, isto poderá torná-los mais ambiciosos e mais voltados à sua realização. A

mulher, com a certeza de sua maternidade, terá seu sentido de ambição limitado.

Cada questão que envolve os seres humanos deve ser tratada não só com suas limitações ou potencialidades, mas com as duas. A condição humana estará determinada, assim, a elevar-se às alturas, e cada geração dará um passo elevando-se sem que perceba.

Nesta época de transição em que passamos, os valores sexuais são relativos, cabe aos pais e educadores desenvolver nas crianças alguns princípios éticos como: respeito por si próprio e por sua dignidade como pessoa, respeito ao outro, o outro não é um meio para se satisfazer, responder de forma honesta e não preconceituosa e ajudar a criança a desenvolver o espírito de crítica. Ela poderá desenvolver a capacidade de raciocínio, que lhe permitirá fazer suas escolhas um dia.

Bibliografia Consultada

- 1- BARROSO, Carmen e BRUSCHINI, Cristina. Sexo e Juventude. Fundação Carlos Chagas. Brasiliense, 1983.
- 2- BERNARDI, Marcelo. A Deseducação Sexual. Trad. por Antonio Negrini. S. Paulo : Summus Editorial, 1985.
- 3- CHARBONNEAU, Paul-Eugène. Educação Sexual. S. Paulo : Círculo do Livro, 1979.
- 4- MEAD, Margareth. Macho e Fêmea. Trad. por Margarida Maria Moura. ^{SP} Vozes, 1971.
- 5- SUPLICY, Marta. Condição da Mulher. (3ª ed.) 1984, pp 30-33.

Bibliografia geral

- 1- BARROSO, Carmen e BRUSCHINI, Cristina. Sexo e Juventude. Fundação Carlos Chagas, Brasiliense, 1983.
- 2- BERNARDI, Marcelo. A Deseducação Sexual. Trad. por Antonio Negri- ni. S. Paulo: Summus Editorial, 1985.
- 3- CHARBONNEAU, Paul-Eugène. Educação Sexual. S. Paulo: Círculo do Livro, 1979.
- 4- GOLDBERG, Maria Amélia. Educação Sexual: Uma Proposta, um Desafio. S. Paulo: Aruanda, 1982.
- 5- LIMA, Delcio Monteiro de. Comportamento Sexual do Brasileiro. R. de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- 6- MASTERS, William H. & JOHNSON, Virgínia E. Conduta Sexual Humana. R. de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- 7- MEAD, Margareth. Macho e Fêmea. Trad. por Margarida Maria Moura. Vozes, 1971.
- 8- MONCHAUX, Maria Cláudia. A Verdade sobre os Bebês: Ed. Sexual dos 6 aos 12 anos. S. Paulo: Paulinas, 1979.
- 9- SUPLICY, Marta. Condição da Mulher. (3ª ed.) 1984, pp30-33.